

Capítulo 6 - DOI:10.55232/1084002006

**ANOS REBELDES: CANÇÃO POPULAR E JUVENTUDE
NO ENFRENTAMENTO AO AUTORITARISMO E AO
CONSERVADORISMO, BRASIL, DÉCADA 1960, E SEUS
DESDOBRAMENTOS NOS DIAS DE HOJE**

Thamires Barbosa Araujo, Francisca Márcia Costa de Souza

RESUMO: Em 2018, os protestos de maio de 1968 completam 50 anos. Na França, no Brasil, na Europa Oriental comunista, a juventude questionou nas ruas o autoritarismo e as desigualdades sociais em uma época marcada por conflitos e luta por direitos civis. Os jovens mostraram que podiam ser protagonistas da História, acreditaram que mudariam os valores de uma sociedade cafona e conservadora. Esses jovens fizeram da década de 1960 “os anos rebeldes”, atravessados pelos grandes festivais, à pílula anticoncepcional, a experimentação do rock, do sexo e das drogas sem culpa. O ano de 1968, no Brasil, foi marcado, sobretudo, pelo recrudescimento da ditadura civil-militar, especialmente com o Ato Institucional n 5 (Golpes dentro do Golpe), durante o governo da Costa e Silva. Neste contexto, as mobilizações contra a ditadura no Brasil intensificaram-se com o assassinato do estudante Edson Luís, no restaurante universitário Calabouço, no Rio de Janeiro. Mais de 50 mil pessoas acompanharam o enterro deste jovem, transformando-se no maior símbolo dos crimes cometidos pelos Anos de Chumbo. Neste contexto, a pesquisa debruça-se sobre a cultura juvenil, a censura a obras, a produções culturais e artistas considerados opositores ao regime militar e ao conservadorismo, evidenciando, principalmente, o papel que a música popular desempenhou na segunda metade do século XX, como manifestação do descontentamento e enfrentamento do conservadorismo e autoritarismo que marcou esta época. Para concluir, a música popular brasileira é depositária da memória deste país, uma linguagem artística com grande aceitação cultural e social. Ela se configura como campo privilegiado de disputas, de expressão de descontentamento, conflitos, permitindo conhecer a dinâmica de experiências vividas pelos sujeitos históricos na ocasião em que ela foi produzida e também seus reflexos nos dias de hoje, especialmente devido a presença de novas tecnologias na produção, difusão e deslocamentos nos modos de ouvir a música. Podendo funcionar como fonte importante no aprofundamento e compreensão da história e dos processos sociais e relações de poder no Brasil. Esse trabalho possibilitou a escuta atenta e o trabalho reflexivo sobre a linguagem musical, através da leitura e problematização de letras de música, realização de exercício de audição musical veiculada na rádio da escola e nos aparelhos de celular dos alunos, realização de roda de música, sempre motivados por temáticas suscitadas no tempo presente, especialmente, com abordagens que nos permita conectar com a década de 1960.

Palavras-chave: Autoritarismo. Cultura. Juventude. Passado-Presente.

INTRODUÇÃO

O ano de 2018 foi emblemático para o Brasil. Foi um ano de grande ressaca política, democrática e cultural para os brasileiros. O ano de 2018 foi um divisor de águas para nossa democracia. Em 2018 tivemos eleições presidenciais. Dessa vez o pleito foi marcado por radicalização, autoritarismo, armas e golpismo. A internet contribuiu para o acirramento dos ânimos. Entretanto, o clima crescente de polarização, violência e autoritarismo foi resultado tanto do processo de democratização lento, gradual e inacabado dos anos 1970 e 1980 quanto pelo recente golpe institucional perpetrado contra a primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff (PT), em 2016, em que o vice-presidente da República, Michel Temer (MDB), conhecido como “vice-decorativo”, segundo uma carta redigida por ele para ser vazada, atuou publicamente para a queda da presidenta, conforme Figura 1:

Figura 1: A primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, recebe faixa presidencial do presidente Lula. Michel Tema observa o ato passivamente, em Brasília-DF, no primeiro de janeiro de 2011.



Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR.

A presidenta Dilma Rousseff, eleita democraticamente, venceu as eleições em 2010 contra o candidato do PSDB, José Serra. Em 2014, venceu novamente um candidato do PSDB, dessa vez o “candidato derrotado” foi Aécio Neves, quem, em tese, despontaria como o herdeiro “natural” do legado de Tancredo Neves (1910-1985), que foi eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985, recebendo 480 votos contra 180 dados a Paulo Maluf e 26 abstenções. Era o primeiro presidente do Brasil após

vinte e um anos de Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), embora eleito indiretamente, contrariando a vontade do povo brasileiro que manifestou nas ruas o desejo de “votar para presidente”.

Em seu segundo mandato, a Presidenta Dilma (1915-2016) não governou. Ela sangrou por longos um ano. Até o dia fatídico da cassação do seu mandato, em 31 de agosto, mas sem a perda dos direitos políticos. O senado aprovou seu impedimento por “pedaladas fiscais”, em que obteve 61 votos a favor e 20 contra o impedimento.

Na história política do Brasil pós-Ditadura, ela foi o segundo presidente da república a sofrer um impeachment. A primeira vez que isso aconteceu foi com presidente Collor de Melo (1990-1992), o 32.º Presidente do Brasil, o caçador de marajás. Ele também foi o primeiro presidente eleito pelo voto popular após a Ditadura. Antes dele, José Sarney, vice do falecido Tancredo Neves, governou entre 1985-1990. A oligarquia Sarney estendeu seus tentáculos políticos por mais de sessenta anos no Maranhão. Ainda é atuante e decisiva no jogo político brasileiro.

Depois de explicitar o cenário político que, em tese, possibilitou 2018, temos que descortinar outros eventos marcantes naquele ano. Em 2018, a redemocratização do Brasil completou três décadas. A Constituição Cidadã de 1988 foi um grande marco na passagem da ditadura para democracia no Brasil. Uma jovem democracia em constante ataque como temos demonstrado.

O ano de 2018 foi marcado pelos cinquenta (50) anos da obra-prima “Pedagogia do Oprimido”, “resultado de nossas observações nestes cinco anos de exílio” (FREIRE, 1987, p. 15), de Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira, grande autor estudado nas grandes e respeitadas universidades pelo mundo. Pedagogia do Oprimido é uma ode à educação e à democracia e à libertação e a dialética entre os oprimidos e os opressores e a uma causa coletiva. Obra dedicada aos “aos esfarrapados do mundo e aos que com eles lutam”. Pelos 130 anos da Abolição da Escravidão no Brasil, gesto nado ingênuo da princesa Isabel, face ao fim melancólico da monarquia nos trópicos, em que seu pai, D. Pedro II, governo quarenta e nove anos. Não são simples celebrações ou datas, mas grandes acontecimentos que hoje possibilitam pensar a luta contra o autoritarismo e conservadorismo no Brasil nos dias de hoje a partir do olhar da cultura, do feminismo, do gênero, da cultura política e da história ensinada.

Além disso, a luta contra o autoritarismo e os protestos culturais e políticos de Maio de 1968 completaram 50 anos em 2018, tanto no mundo capitalista quando no

mundo socialista, a juventude questionou nas ruas, nas universidades, nos parlamentos o autoritarismo, o conservadorismo, as guerras, apartheid, imperialismo, racismo e as desigualdades sociais em uma época marcada por conflitos e luta por direitos civis. Esses jovens e essas jovens fizeram da década de 1960 “os anos rebeldes”, que também foram atravessados pelos grandes festivais, a pílula anticoncepcional, a experimentação do rock, do sexo e das drogas sem culpa. No Brasil, como já apontado, sofremos o golpe militar em 1964, que foi recrudescido com o Ato Institucional n. 5 (golpe dentro do Golpe) em 1968.

Neste estudo, conforme demonstrado, o conteúdo político, social e cultural perpassa de ponta a ponta o entendimento sobre juventude, cultura, movimento popular, autoritarismo, conservadorismo e democracia no Brasil. Ao olhar para o passado político da história recente do Brasil, é possível estabelecer conexões, pontes e permanências entre 1968 e 2018. Dessa maneira, este é o principal objetivo deste trabalho, evidenciar os meandros do autoritarismo e conservadorismo no Brasil, a partir de uma concepção da história do tempo presente, no trabalho de tecer uma narrativa que une duas pontas, a memória sobre a ditadura no Brasil através da cultura de protesto e a eleição de Jair Bolsonaro. Elaborar e Problematizar uma memória com os estudantes que não viveram 1964 e tampouco os idos de 1968, ano tanto marcado pelo recrudescimento da Ditadura quanto pelo o Maio de 68 em outra ponta. A nossa intenção é nos comprometermos com o trabalho de memória sobre a luta, a democracia e cultura do povo brasileiro. Fazendo uma leitura do passado através de questões do tempo presente no idos dos 50 anos de Maio de 1968.

Nesta perspectiva, este trabalho se debruçou sobre a cultura de protesto brasileira do século XX, especialmente na década de 1960, época marcada por ditaduras no Brasil e na América Latina, bem como atravessada pela rebeldia, pela luta por direitos civis, pela liberdade de expressão, pela paz em uma década de conflito armado e guerras sem fim no contexto da famigerada Guerra Fria. A atualidade desta pesquisa reside, especialmente, nos seus desdobramentos em nosso cotidiano nos anos de 2018, no esforço de esgarçar o tecido frágil da nossa democracia, demonstrando os perigos de uma visão única da história e das formas atualizadas pelas quais se esgueiram as correntes do autoritarismo e conservadorismo, representados atualmente com a ascensão ao poder de um presidente da república, que inaugurou, segundo historiadores e cientistas políticos, o fim do pacto democrático de 1988.

Em síntese, nesse intrincado e perigoso jogo de poder político, a nossa jovem democracia brasileira é ameaçada pelo autoritarismo e conservadorismo. Educadores brasileiros desempenham um grande papel em desvelar as violentas traumas do autoritarismo e entender a onda conservadora dos dias de hoje. Não é uma tarefa fácil educar para democracia, as professoras e os professores de história têm, indubitavelmente, uma tarefa muito árdua pela frente. Transpor didaticamente os complexos arranjos de poder político do Brasil, explicitando, em síntese, o jogo político que desencadeou 2018, portanto, na Eleição de Jair Bolsonaro, negacionista e representante da direita ultraconservadora no país. Vivemos numa encruzilhada. O Ano de 2018 não acabou.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se desenvolveu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, campus Buriticupu, entre 2018 e 2019. É uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa, partiu da pesquisa bibliográfica, debruçou-se sobre a pesquisa documental e baseou-se na pesquisa de campo, sob um viés da memória trabalho e do método etnográfico, no sentido de constituir um Diário de Campo e realizar registro foto etnográfico. Este trabalho atravessou múltiplos espaços: sala de aula, biblioteca, arquivos e rádio escolar e comunitária, localizados em Buriticupu e São Luís, no estado do Maranhão. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram os estudantes, na época cursavam a etapa final do ensino médio integrado aos cursos técnicos em Análises Químicas e Administração. Este trabalho partiu da epistemologia intrínseca da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão.

Na rádio escolar Edson Luís, por exemplo, a experiência de ouvir e conhecer a cultura de protesto dos anos 1960 e o movimento Mario de 1968 foi fundamental. O que atiçou a curiosidade sobre música popular brasileira e o debate sobre o papel da cultura no enfrentamento ao autoritarismo no Brasil, a partir do olhar de estudantes. A rádio escolar foi espaço de exercício da comunicação pública pela juventude, no trabalho de memória sobre os valores da democracia, do apreço pela liberdade de expressão e de imprensa. A importância dada à comunicação livre de censura levantou o debate sobre a maneira como o autoritarismo e o conservadorismo se metamorfoseados nos discursos

políticos e da imprensa. Na rádio, o exercício da cultura musical se ampliou, pois as músicas eram tocadas a partir de uma seleção feita pelos estudantes, conforme podemos observar na Figura 1:

Figura 2: Ives e Isaac, bolsistas do projeto de extensão rádio escolar Edson Luís do IFMA, campus Buriticupu.



Fonte: Mayra Wellyda (2018).

Conforme a Figura 2, destacamos o desenho metodológico segundo qual consiste em: saber ouvir a música, relacioná-la ao contexto histórico de sua produção, com suas as reverberações no tempo presente; audição coletiva com seleção prévias das músicas e de acordo com o tempo histórico que se deseja conhecer, refinar o conhecimento sobre a música enquanto linguagem artística, transformação da letras da canção em outros textos, como poesia, rap ou cordel, produzir letras de música para expressa engajamento político. Além disso, promover rodas de músicas, para tocar, ouvir, conversar, ler e reescrever letras de músicas. Além disso, a pesquisa documental envolveu a busca por registros fotográficos ou fontes visuais de artistas e dos movimentos estudantis e dos trabalhadores dos anos 1960, conforme Figura 3.

Figura 3: Em destaque, a bolsista Mayra Wellyda, do projeto de ensino artístico-cultural Rádio Ifma Buriticupu: juventude e música de protesto nos desdobramentos dos 50 anos do maio de 1968 no Brasil



Fonte: Márcia Costa (2018).

Ao lado dos registros fotográfico, utilizamos a pesquisa bibliográfica sobre o contexto histórico dos idos 50 anos do Maio de 1968, destacamos Zuenir Ventura e Regina Zappa. Neste sentido, realizamos exposição fotográfica na escola com uso de textos escritos a partir da pesquisa bibliográfica.

O trabalho de campo consistiu em: preparação teórica para investida nos documentos históricos, organização técnica e tecnológica dos instrumentos de pesquisa; registro técnico das fotos e arquivamentos profissional dos documentos; tratamento e análise de dados; escrita científica a partir dos achados de pesquisa.

um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /I captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Além disso, a pesquisa qualitativa permite que a “imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p.

21). Segundo Arilda Godoy (1995), a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Figura 4: Thamires, jovem pesquisadora do projeto de iniciação científica realizou pesquisa documental na Biblioteca Benedito Leite.



Fonte: Márcia Costa (2019).

A pesquisa documental, conforme Figura 4, foi realizada em São Luís. Os jornais pesquisados foram “Jornal O Dia (1968)”; “Jornal O Imparcial (1968)” e “Jornal O Pequeno (1968)”.

A escolha dos documentos não é um processo aleatório, mas se dá em função de alguns propósitos, idéias ou hipóteses. Em seu sentido amplo, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios). É o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental. Muitos dos documentos não foram produzidos com o propósito de fornecer informações com vistas à investigação social, o que possibilita vários tipos de vieses. Exemplificando: documentos autobiográficos e artigos de jornais podem distorcer muitos pontos na tentativa de construir uma boa história (DE SOUSA; DOS SANTOS, 2020, p. 34-37).

O trabalho realizado pela jovem pesquisadora consistiu em: realizar o registro fotográfico dos documentos selecionados a partir de critério bem definidos em fundação dos objetivos e problemática do projeto de iniciação científica; catalogação dos materiais encontrados, através da organização em tabela por jornais, manchetes e ano; análise dos dados e revisão bibliográfica a partir dos dados encontrados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A atualidade e relevância deste estudo residem, especialmente, nos seus desdobramentos em nosso cotidiano, na contemporaneidade, para nossa democracia e para juventude brasileira. Os anos de chumbos, conforme Figura 5, de uma forma ou de outra, permanecem vivos no Brasil pós-redemocratização, agudizando-se, sobretudo, nos pós-golpe de 2016 e na dramática eleição presidencial de 2018.

Figura 5: Há 50 anos (2018), Edson Luís, paraense de 18 anos, levou um tiro durante movimento estudantil no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro.



Fonte: O Globo.

No Brasil, o assassinato do estudante Edson Luís, a luta por ensino público gratuito, a passeata dos cem mil, as greves operárias, o endurecimento do regime militar e AI-5, que anunciou os anos de chumbo e as feridas até hoje mal cicatrizadas. Neste contexto, apresentou a análise debruçando-se sobre o desenho metodológico de pesquisa, como a leitura bibliográfica evidenciando a cultura juvenil, a censura, a participação feminina nos movimentos sociais, este aspecto alarga o horizonte de análise do Brasil e do mundo dos anos de 1960, utilizou-se a leitura individual, procurando o posicionamento e uma narrativa do Brasil da década, através de obras clássicas tratando da cultura e história da época como “Cultura e participação nos anos 60”, e outras quatro obras que serviu de

base teórica para percorrer o espírito de 1968, buscando contextualizar os 50 anos depois do maio de 1968.

“Caminhando contra o vento Sem lenço e sem documento No sol de quase dezembro Eu vou (...) Em caras de presidentes Em grandes beijos de amor Em dentes, pernas, bandeiras Bomba e Brigitte Bardot” (Alegria, Alegria, 1968, Caetano Veloso)

A década de 1960 foi uma época marcada pela ruptura democrática no Brasil, ao tempo que foi uma época de luta, de aversão às violações a liberdade de expressão, ao livre pensamento. A música de protesto, apesar da censura, dava o tom ao descontentamento crescente da população.

“Não posso fazer serenata A roda de samba acabou A gente toma a iniciativa Viola na rua, a cantar Mas eis que chega a roda-viva E carrega a viola pra lá “ (Roda Viva, 1968, Chico Buarque).

Nesse contexto, percorremos os rastros que nos levam aos anos 60, partindo da conjuntura política, social e cultural de outras realidades, como aquela que foi apontada na França, a luta por direitos civis no EUA, o desejo de paz diante dos conflitos, como a Guerra no Vietnã. A segunda metade do século XX vive o apogeu da Guerra Fria, o mundo estava à beira do abismo. Na América Latina, os estudos apontam, na esteira do desenvolvimento do capitalismo tardio e dependente, a ascensão do autoritarismo

“Pai, afasta de mim esse cálice De vinho tinto de sangue” (Cálice, 1973, Gilberto Gil e Chico Buarque).

Os contrapontos entre autoritarismo e democracia jogam luz sobre a ditadura civil-militar no Brasil, bem como esclarece as metamorfoses do autoritarismo vivido nos diversos aspectos da vida no Brasil. A construção, a permanência e a denúncia do Brasil autoritário foi expresso em verso, canção e prosa.

“A entrada é uma rua antiga, Estreita e torta E no joelho uma criança sorridente, Feia e morta, Estende a mão Viva a mata, ta, ta” (Tropicália, 1968, Caetano Veloso)

O trabalho com a letra dessas canções pode revelar um mundo expresso por palavras e sentidos que já não fazem parte dos dias de hoje, contrapor esse mundo com os dias de hoje é um exercício que permite trabalhar o tempo histórico como uma duração permeada

pelas transformações, mudanças e permanências. Essas temporalidades evidenciadas por palavras, lugares, sujeito põe a juventude em contato outras épocas. Nesta ocasião, o uso do dicionário pode ampliar consideravelmente o vocabulário e a qualidade da escrita dos discentes.

A intervenção militar no Rio de Janeiro em 2017 traz para a cena política, para os letrados dos jornais de grande circulação e para os telejornais no horário nobre, os generais, homens fardados, os interventores, os tanques, em que é muito comum revistas às mochilas de crianças por homens armados de fuzil na periferia do Brasil, armas e livros não combinam. À apologia à bala, à matança, ao ódio, ao extermínio do bandido, a ideia de o “bandido bom é bandido morto” é uma cena dramática de difícil aceitação, bem como à aversão aos direitos humanos, à naturalização e indiferença à execução da juventude preta nas periferias do Brasil é um projeto cujos tentáculos são sustentados pela permanência do autoritarismos e conservadorismo de viés fascistóide.

Figura 6: Um sniper matou um assaltante de ônibus e o governador comemorou o feito, cobrou que o mesmo tipo de ação possa ser repetido nas comunidades do Rio (2019).



Foto: Gabriel de Paiva / Agência O Globo.

Cinco décadas se passaram desde maio de 68, o que restou desta época? Maio de 68 parece tão distante no tempo, mas o mesmo o que pode ser dito do espírito que o animou, fazendo sacudir velhas e arcaicas estruturas de uma sociedade sufocante e nauseabunda? Resgatar seus protagonistas, jovens naquela época, hoje senhores e senhoras, avós e avôs, ainda parece razoável? A década chave para a história mundial e brasileira, sacudindo o planeta com acontecimentos que mudaram a história do século XX e, por tabela, também a própria humanidade. 1960, ficou marcado por antes e depois de 1968, inúmeros episódios que marcaram a história, pelo mundo, a guerra do Vietnã, os movimentos dos direitos civis, a primavera da praga e a explosiva insurreição estudantil na França.

Para manter-se viva a tese que fala sobre 1968 ter sido o ano que ficou para história, um ano ainda mais complexo, assombroso e sedutor do que se sabe, o jornalista e romancista Zuenir Ventura decidiu investigar o 1968, vinte anos depois procurando responder perguntas, tentando identificar as marcas deixadas de 68 ao longo do percurso e quais espíritos permanecem vivos. O resultado foi “1968 O QUE FIZEMOS DE NÓS”, segundo Zuenir Ventura “É possível que no século XX tenha havido ano igual ou mais importante do que 1968, como defendem alguns, mas nenhum não tão lembrado, discutidos e com tanta disposição de permanecer como referência, por afinidade ou por contraste. Ao se comporta como se fosse um ser animado, suspeita-se que 1968 não foi um ano, mas um personagem inesquecível e que teima não sair de cena”. Para fazer companhia a esse Zuenir Ventura, publica outro clássico, que faz resgate de uma memória insuficientemente trabalhada “1968 O ANO QUE NÃO TERMINOU”, publicado em 2018 com intuito de contextualizar os 50 anos de 1968, transcorrendo o ano que no Brasil iria se torna lendário por causa das manifestações estudantis contra o sistema, revivendo períodos crucias de nossa história. A seguir imagens que contextualiza manifestações no Brasil passando-se o ano de 1968, buscando responder perguntas como e quando permanecer vivo o espírito de 68, na imagem 01, traz um texto que fala sobre os jovens em manifestações por diversas causas, 1968 no Brasil a luta era contra a ditadura militar, na França os estudantes gritavam contra as proibições exigiam democracia nas universidades e forçava mudanças nos costumes. Em 2013 estão de novo os jovens reivindicando seus direitos em manifestações contra o aumento da tarifa do ônibus, que fica explícito na imagem 02. Nota da revista veja “Em SP é assim. As manifestações

começaram contra o aumento da tarifa do ônibus, mas o foco da próxima será contra a repressão, certamente”.

Passando tanto tempo os jovens/manifestantes ainda sofre com os mesmos dilemas como a repressão sofrida por eles durante o seu direito de protestar. A imagem 03 e de protesto de 1968, mostrando a repressão sofrida por jovens na foto, de militares.

Recorte temporal dividido mês a mês, construindo um painel de 1968 através de fotografias, fazendo assim a contextualização de episódios que marcaram aquele ano, refletindo sobre episódios mais conhecidos, mas também costurando outras histórias esquecidas pelo tempo. No mundo todo passava por mudanças daquele ano que não foi só meses, semanas e dias. Porém um recorte de transformações, 1968 dividido o mundo em antes e depois, nos estados Unidos Martin Luther king, um ativista líder do movimento dos negros, foi mais uma das vítimas do que e a sistema de repressão contra ativistas no mundo, principalmente em uma década em que palavras como, “Movimento negro, feministas e LGBT “, ainda estavam surgindo e aparte de 1968 tomaram outro sentido e outras perspectivas. Na figura 01 e 02, notas de jornais da época sobre o assassinato de Luther King.



Jornal Do Dia, são luís maranhão. 06 de abril de 1968.fig.01.



Jornal do Dia, são Luís. Fig.02

No Brasil, o assassinato do estudante por policias militares, marcos o início de ano turbulento de intensas mobilizações contra o regime militar que endureceu até decretar o AI-5. Os protestos se intensificaram com a passeata dos cem mil, as notas dos jornais mostram de diferentes perspectivas esses movimentos populares contra o regime ditatorial no Brasil. A figura 01 é uma nota sobre o que foi as manifestações, segue na

figura 02 e 03 imagens de estudantes na passeata, a 04 mostra o que viria no mês que marcou aquela década.



**Jornal do dia,
são Luís, 27-
06-1968.fig.
01.**



**Jornal o
imparcial,
são Luís, 07
de abril de
1968. Fig.02.**



**Jornal o
imparcial, 27-
06-1968. Fig.03.**



**Estudantes não deve dar
ouvidos aos
provocadores. Jornal o
imparcial. Fig.04.**

Segundo Roberto Sander em seu livro 1968 quando a terra tremeu, os episódios vão se sobrepondo uns aos outros num ritmo alucinante, dia a dia, semana a semana mês a mês, na sequência em que vão acontecendo. A tentativa não foi outro senão a de buscar entendimento ainda maior de 1968 e do seu significado como uns dos períodos mais turbulentos e criativos já a posto a luz da história. Não por acaso, meio século depois, ele ainda fascina, assombra, surpreende e seduz. Mostrando assim que o espírito de 1968 permanece vivo e sempre permaneceram de alguma forma mesmo que aconteçam diversas metamorfoses durante os anos. As mulheres sempre estiveram presentes nos movimentos de contestação e mobilização ao longo da nossa história. Elas resistiram de muitas formas: se organizaram em clubes de mães, associações, comunidades e igrejas de base, em movimento contra o custo de vida e por creches. Desafiando o papel feminino tradicional, participaram de movimentos estudantil, partidos, sindicatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa jovem Democracia sofre com arroubos autoritários de tempos em tempos. A escola deverá ser uma guardiã dos valores democráticos, alertando para os perigos do autoritarismo. As novas gerações precisam conhecer a juventude passada que lutou pela cidadania e igualdade e equidade nas últimas décadas. O que os anos rebeldes poderiam ensinar a juventude do século XXI?

Os anos rebeldes desfrutou da efervescência cultura dos anos 1960. A música de protesto, por exemplo, foi uma grande porta-voz da rebeldia, da irreverência, da ousadia, da criatividade, da denúncia e da construção do Brasil democrático. A música é epifania, êxtase. Os sentidos polissêmicos dos signos musicais favorecem diversos tipos de escuta e interpretações que variam ao longo do tempo, podendo, portanto, provocar múltiplas escutas e expectativas.

A música também passa a pertencer a uma época ou construir um acontecimento histórico, no sentido de produzir subjetividades do que ele seja e de fazer com que esse acontecimento perdure na memória e história de um país, por exemplo, as canções de Chico Buarque Cálice (1978), O que será (1976), Apesar de Você (1978), Roda Viva (1968) são filhas de uma época marcada pela censura, pela perseguição política, pela ditadura. Nunca é demais ressaltar que as músicas são metamorfoseadas a partir de um grupo social que se apropria delas para os mais diversos fins: políticos, estéticos, culturais, econômicos e outros.

Também não incomum ouvir de alguém o “Ierê, Ierê”, com a melodia de Dorival Caymmi, para expressar o quanto tem trabalhado. A canção “Retirantes”, letra Jorge Amado, compunha a abertura da novela Escrava Isaura (1976-1977). O refrão “com que roupa eu vou|pro samba que você me convidou?” é outro que escutamos quando alguém escolhe um traje para um evento importante. Esse samba de Noel Rosa, mais que um grande sucesso, clássico da música brasileira, foi gravado por diferentes artistas, em tempos e timbres diversos.

A partir dos exemplos citados, que podem ser muitos outros, desenvolvemos neste trabalho, além de saber ouvir as canções, conhecer o contexto histórico de sua produção, analisar letra e outros aspectos técnicos da música, enquanto linguagem para a história, também utilizamos as aberturas de novelas, clipes e literatura para pensar e discutir a música entre os jovens. Posto isto, em situações informais, é rotineiro ouvir versos de canções brasileiras para interpretar uma situação do dia a dia: “atordoados, permaneço atento” (música de Gilberto Gil e Chico Buarque).

Neste caso, procuramos discutir como as músicas circularam na vida das pessoas. Para começo de conversa: o que a juventude sabe sobre as músicas do passado? O que ela gosta de ouvir, quando e como o faz? São alguns questionamentos que este trabalho ainda possibilita.

Por outro lado, as músicas podem criar conexões entre o passado e o presente, novas relações sociais, estéticas e políticas.

REFERÊNCIAS

DE SOUSA, J. R.; DOS SANTOS, S. C. M. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559/22049>> Acesso em 16/09/2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais*. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

SANDER, Roberto. *Quando a terra tremeu*. São Paulo: Vestígio, 2018.

VENTURA, Zuenir. *O que fizemos de nós*. Rio de janeiro: objetiva, 2018.

VENTURA, Zuenir. *O ano que não terminou*. Rio de janeiro: objetiva, 2018.

ZAPPA, Regina. 1968. *Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de janeiro: objetiva 2018.